

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-874-8 DOI 10.22533/at.ed.748192312 1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERECIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM	
Valdení Venceslau Bevenuto Marlene Maria Ogliari	
DOI 10.22533/at.ed.7481923121	
CAPÍTULO 2	13
LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.7481923122	
CAPÍTULO 3	24
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.7481923123	
CAPÍTULO 4	35
A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS	
Nayara Stefanie Mandarino Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923124	
CAPÍTULO 5	44
A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923125	
CAPÍTULO 6	50
A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES	
Maria Catarina Ananias de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923126	
CAPÍTULO 7	60
A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA	
Eduardo de Lima Beserra Rodrigo Selmo da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.7481923127	
CAPÍTULO 8	72
A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA	
Erika Rodrigues Coelho Natalino da Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.7481923128	

CAPÍTULO 9	80
AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS	
Patricia Luciano de Farias Teixeira	
Elizany Alves de Araújo	
DOI 10.22533/at.ed.7481923129	
CAPÍTULO 10	91
CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO?	
Maria Zildene Gomes Rabelo	
Denise Noronha Lima	
DOI 10.22533/at.ed.74819231210	
CAPÍTULO 11	101
O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL	
Cecilia Maria Tavares Dias	
DOI 10.22533/at.ed.74819231211	
CAPÍTULO 12	113
FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA	
Vera Maria Luz Spínola	
DOI 10.22533/at.ed.74819231212	
CAPÍTULO 13	127
MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA	
Gustavo Haiden de Lacerda	
Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo	
DOI 10.22533/at.ed.74819231213	
CAPÍTULO 14	132
MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE	
Antonia Nayara Pinheiro Rolim	
Everton Alencar Maia	
DOI 10.22533/at.ed.74819231214	
CAPÍTULO 15	137
MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM –VEL	
Ana Lúcia Rocha Silva	
DOI 10.22533/at.ed.74819231215	
CAPÍTULO 16	150
O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES	
Luciano Heidrich Bisol	
DOI 10.22533/at.ed.74819231216	

CAPÍTULO 17	160
PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER	
Lucas Andreuchette Medeiros Ana Lúcia Montano Boessio	
DOI 10.22533/at.ed.74819231217	
CAPÍTULO 18	167
REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO	
Lays Emanuelle Viédes Lima Márcia Maria de Medeiros	
DOI 10.22533/at.ed.74819231218	
CAPÍTULO 19	179
O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS)	
Stéfane Cristine Luz Freire Silva Gilson de Oliveira Morais Júnior Lucas Hordones Chaves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231219	
CAPÍTULO 20	188
A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA	
Rayane Araújo Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.74819231220	
SOBRE O ORGANIZADOR	200
ÍNDICE REMISSIVO	201

MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM –VEL

Ana Lúcia Rocha Silva
(UFMA)

RESUMO: Estudo desenvolvido no âmbito da Morfologia Derivacional sobre a formação dos adjetivos em *-vel* na língua portuguesa, observando a natureza da base, bem como a correlação entre possibilidade e efetividade do referido sufixo. O corpus do trabalho foi oriundo dos dados coletados das seguintes fontes: 25 (vinte e cinco) textos anotados morfologicamente do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB) da Universidade de São Paulo, bem como de textos de jornais e artigos online escolhidos assistematicamente, estando veiculados na mídia contemporânea, através da internet, organizados no Corpus de Adjetivos em *-vel* em português de textos da Word Wibe Web (CAPTWWW). Para as análises no CHPTB foram utilizadas as ferramentas da linguística computacional desenvolvidas pelo Prof. Dr. Leonel Alencar da UFC. Como aporte teórico usou-se os postulados do gerativista Anderson (1992) sobre análises do sufixo inglês *-able* ao se adjungir com diversas bases para a produção de adjetivos. As análises comprovaram que o adjetivo em *-vel* tem em sua estrutura matrizes basilares diferenciadas, gerando com isso adjetivos que não são formados nos moldes da regra geral que contempla a maioria dos

adjetivos.

PALAVRAS-CHAVE: Morfologia Derivacional – Formação – Adjetivos em *-vel* – Bases.

ABSTRACT: Study developed in the context of Derivational Morphology on the formation of adjectives in-level in the Portuguese language, observing the nature of the base, as well as the correlation between possibility and effectiveness of this suffix. The corpus of the study was derived from data collected from the following sources: 25 (twenty-five) morphologically annotated texts of the Tycho Brahe Historical Corpus (CHPTB), of the University of São Paulo, as well as of newspaper articles and online articles chosen asystematically, being published in contemporary media, through the internet, organized at the Corpus of Adjectives in Portuguese. Word Wibe Web (CAPTWWW). For the analyzes in CHPTB were used the computational linguistic tools developed by Prof. Dr. Leonel Alencar of the UFC. As a theoretical basis we used the postulates of the generativist Anderson (1992) on analyzes of the English suffix *-able*, to be used with several bases for the production of adjectives. The analysis proved that the adjective in *-vel* has in its structure differentiated basic matrices, thus generating adjectives that are not formed in the mold of the general rule that contemplates most adjectives.

1 | INTRODUÇÃO

A formação dos adjetivos em *-vel* da língua portuguesa é apresentada por diversos autores tão-somente com explicações da regra geral. Contudo, no âmbito da morfologia derivacional, destaca-se abordagem feita pelo inglês Stephen Anderson (1992), que apresenta um estudo procurando identificar a natureza das bases, não apenas como bases integrantes da regra geral, ou seja, bases que provêm dos verbos transitivos diretos, como quaisquer outras que estão presentes nos adjetivos em *-vel* da língua portuguesa. Este trabalho é um recorte da dissertação de mestrado de SILVA(2009), que para composição do corpus, realizou-se pesquisa empírica com dados coletados das seguintes fontes: 25 (vinte e cinco) textos anotados morfologicamente do Corpus Histórico do Português Tycho Brahe (CHPTB) que se desenvolve junto ao Projeto Temático Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística do grupo de pesquisa sobre morfologia histórica da língua portuguesa da Universidade de São Paulo, bem como de textos de jornais e artigos on-line escolhidos assistematicamente, estando veiculados na mídia contemporânea, através da internet, organizados no corpus de Adjetivos em *-vel* em português de textos da Word Wibe Web (CAPTWWW). Para as análises no CHPTB são usadas ferramentas da linguística computacional desenvolvidas pelo Profº. Dr. Leonel Figueiredo de Alencar Araripe da UFC.

O estudo mostra as diversas possibilidades de se formar adjetivos em *-vel* com diferentes bases, apontando para o uso da competência e desempenho do falante que ao necessitar de um adjetivo com o sufixo *-vel* não se prende à base que compõe a regra geral de formação desse adjetivo, as bases oriundas dos verbos transitivos diretos.

2 | ABORDAGENS EM GRAMÁTICAS TRADICIONAIS SOBRE A FORMAÇÃO DO ADJETIVO EM -VEL

A gramática tradicional trata da sufixação nos processos de formação de palavras do tipo derivação ou, às vezes, no capítulo sobre estrutura de palavras. O que se encontra nela a respeito da derivação são, tão-somente, listagens de radicais e sufixos com suas respectivas origens grega ou latina e a exposição dos vários processos de formação. Não se encontram estudos sobre regras de produção, nem explicações sobre o fenômeno da criação lexical. Vale ressaltar que seus conteúdos vêm, ao longo dos anos, seguindo padrões organizacionais não somente com relação à morfologia como na fonética, sintaxe etc. Sobre essa situação, veja-se a expressão de Lopes (2006, p. 183):

Tais imperfeições da gramática tradicional não são ocasionais. Na raiz delas

podemos encontrar o preconceito lógico e cultural que levou os gramáticos do mundo inteiro a trabalhar suas línguas com base na suposição de que elas se conformariam todas, ao fim e ao cabo, com os modelos que orientaram a descrição do grego e do latim.

O que se pode deduzir que, em se tratando de criação lexical, os mecanismos de formação de palavras apontados nas gramáticas tradicionais normativas da língua portuguesa não se detêm em explicações de novos itens surgidos, ou seja, há um padrão de produção e aquilo que fugir dele é considerado inadequado para o uso da língua.

Os gramáticos fazem a inserção do sufixo *-vel* nas listagens de sufixos de origem latina. O mesmo sufixo compõe, também, o quadro dos que originam adjetivos a partir de verbos. Entretanto, não há referência a esses verbos ou a quaisquer outras bases, bem como às regras que formam os adjetivos. Destarte, sobre a derivação sufixal do sufixo *-vel*, passa-se a apresentar postulados dos principais gramáticos.

2.1 José Evanildo Bechara

Para este autor, “vocábulo é a menor forma livre de enunciação, constituído de um ou mais morfemas” (BECHARA, 1983, p. 167) e os principais processos de formação de palavras em português são composição e derivação. A derivação dá origem a uma palavra através de afixos. De acordo com o afixo, a derivação está classificada em sufixal e prefixal.

Os sufixos, para Bechara (1983, p. 177),

[...] dificilmente aparecem com uma só aplicação: em regra, revestem-se de múltiplas acepções e empregá-las com exatidão adequando-os às situações variadas, requer e revela completo conhecimento do idioma. Os sufixos determinam as classes gramaticais das palavras.

O sufixo *-vel* < *-bil* está inserido no rol dos sufixos que formam adjetivos. Os exemplos dados são: *notável*, *crível*, *solúvel*, *flébil*, *ignóbil*.

Bechara tem sido um dos autores que, ao longo dos seus trabalhos, tem feito colocações sobre os novos fenômenos da língua. Assim, quando o Brasil inteiro ouviu a fala do ex-ministro do governo brasileiro, Antonio Magri: “A Previdência Social é *imexível*”, houve muita querela entre as pessoas sobre o uso do adjetivo, ou melhor, sobre a formação de uma palavra fora do que se considera uso regular na língua. Nesse ensejo, Bechara (2000a) escreveu dois artigos intitulados: “*Imexível: uma injustiça a ser reparada*” e “*Imexível não exige imexer*”, contidos no livro *Na ponta da língua*, uma coletânea de artigos sob a coordenação de Sílvia Elia (2000).

No primeiro artigo, Bechara (2000a, p. 45) chega a afirmar que os comentários sobre o fato partiam de pessoas não habilitadas para explicar fenômenos que ocorrem numa determinada língua, as quais usavam as seguintes expressões: “o termo não existe, não está dicionarizado, deve ser considerado errôneo”. O autor afirma que para

fazer uma análise do caso devem ser observados vários fatores, porém ele se limita a quatro deles, que são:

O primeiro: se o termo foi criado segundo os princípios que regem a formação de palavras antigas e modernas no nosso léxico. Segundo, se a criação traduz com eficiência a idéia que quis transmitir quem a empregou. Terceiro, se para transmitir a mesma idéia, o idioma não dispõe de palavras antigas e mais expressivas. Quarto, se o fato de não existir um termo no dicionário é prova suficiente de que não deva ser criado ou de que constitui um erro o seu emprego. (BECHARA, 2000a, p. 1).

Ele inicia suas análises partindo do quarto critério, por considerar a relevância metodológica do caso. Para ele, qualquer que seja a língua, a extensão do seu léxico não está limitada aos dicionários correntes, pois o idioma nas suas palavras “está sempre numa perpétua mudança, numa constante ebulição, de modo que nunca tem esgotada a infinita possibilidade de renovar-se” (BECHARA, 2000a, p. 12), ou seja, o dinamismo da língua não está exarado nos dicionários, estes se constituem no lado estático de qualquer idioma.

Prossegue sua análise: o primeiro critério – a regulação pelos processos de formação de palavras prescritos na gramática normativa –, o termo imexível tem equivalência aos termos invencível, impagável, os quais já se acham institucionalizados na língua; portanto, poderá ser também cristalizado nos dicionários. Neste particular, o autor aproveita a oportunidade para falar sobre o trabalho dos linguistas, afirmando que para alguns deles o fenômeno do imexível seria o que os mesmos chamam de “virtualidade e potencialidade do idioma”. (BECHARA, 2000a, p. 12).

Em relação ao segundo e terceiro aspectos citados pelo autor, o termo imexível poderia permanecer no léxico da língua portuguesa, visto que se iguala a outros termos que são seus sinônimos mais próximos, por exemplo: “O Plano é *irretocável, intocável, intangível, impalpável, intáctil*” (BECHARA, 2000a, p. 73). Diante desse exemplo, o autor expõe que esses sinônimos não seriam suficientes para substituí-lo, pois só a ideia contida em “imexível” é capaz de expressar a essência comunicativa do falante para o texto em que está inserido.

Em suma, o autor finaliza suas colocações reafirmando seu posicionamento de que o termo imexível passaria por dois dos principais testes de validação de uma palavra nova, sem problemas, quais sejam: “a observância das regras de formação de palavras e sua adequada expressividade de comunicação”. (BECHARA, 2000a, p. 2).

No segundo artigo, *Imexível não exige imexer* (1991), o autor se limita a responder uma carta enviada à Redação do Jornal Estado de Minas (publicada em 07.02.91). A carta emite críticas ao vocábulo imexível quanto à sua vernaculidade. A resposta de Bechara (2000b) é uma confirmação da ideia do primeiro artigo, quando ele preconiza que o imexível fora criado nos moldes dos processos de formação de palavras existentes na língua e que também sua significação estava correspondendo à necessidade do então Ministro de Governo. O ponto novo que ele destaca é a respeito

da base da nova palavra, pois o remetente da carta assinala que “imexível está mal formado porque é um parassintético, que ao ser correto, exigiria a presença do verbo imexer” (BECHARA, 2000b, p. 108). Daí, o autor preconiza que essa premissa não tem fundamento para a formação da palavra e compara com exemplos como *impagável*, *insubstituível*, *insustentável*, *insusceptível*, os quais não dependeram de verbos como *impagar*, *insubstituir*, *infallir*, *insustentar*, e dá ênfase que, para se formar a palavra *insusceptível*, nem verbo foi preciso. Encerrando seus argumentos sobre este ponto, Bechara (2000b, p. 105) afirma, no artigo *Imexível* não exige *imexer*, que “é a busca da expressividade que leva o falante ou escritor a usar dessa potencialidade do sistema lingüístico”, ou seja, para a comunicação o falante utiliza quaisquer meios que viabilizem a transmissão do seu pensamento.

Verifica-se que os artigos de Bechara aqui analisados revestem-se de características singulares, fazendo com que se veja que a expressividade do falante está ligada a sua necessidade e o sujeito se vale de mecanismos de criação lexical existentes no seu sistema linguístico para se comunicar. Esta posição está sendo sempre demonstrada. Em entrevista dada à Folha Dirigida, no ano 2002, Bechara afirma: “o certo e o errado é muito relativo na Língua Portuguesa. E negar qualquer variação é reprimir o potencial criativo”.

Diante disso, Bechara (2000b), embora lecione sobre os aspectos normativos da língua em suas gramáticas, mas não esboce lições sobre as regras de formação de palavras ou sobre as bases com as quais se juntam os afixos num processo derivacional, mostra-se como um autor que não está preso à normatividade, mas que valoriza o aspecto criativo da língua.

2.2 Celso Pedro Luft

A derivação é, segundo Luft (1989, p. 70), “um processo de ampliação lexical interna: formação de palavras em que se recorre à palavra já existente ampliando-a, mais raramente abreviando-a. Daí as espécies de derivação progressiva ou afixal (sufixal e prefixal) e regressiva.”

Para definir a derivação afixal (progressiva) do tipo sufixal, Luft recorre ao conceito de Said Ali (1971, p. 172): “toma palavras já existentes e lhes acrescenta certos elementos formativos (sufixos, no caso) com que adquirem sentido do novo, referindo, contudo, ao significado da palavra primitiva”. Diante disto, Luft (1985) formula uma regra e, em seguida, apresenta exemplos:

Radical + Sufixo → palavra derivada sufixal.
Roup(a)ARIA, civillZAR, analis(e)ÁVEL, ativ(o)EZ.

As lições sobre sufixos oferecidas por Celso Pedro Luft (1989), no compêndio Novo Manual de Português, não se limitam ao capítulo de formação de palavras, elas estão ampliadas no capítulo que trata de adjetivos. Assim, o sufixo muda o sentido da

raiz, introduzindo uma ideia secundária e fazendo inclusão da nova palavra numa das classes de palavras da língua. Pondera ainda sobre um diferencial marcante entre o prefixo e o sufixo, aquele não altera a classe gramatical da base, enquanto este pode alterá-la. Neste sentido, Luft (1989) apresenta exemplos de sufixos que mudam o sentido da raiz (exemplo: sapato => sapateiro); os que não mudam o sentido da raiz (exemplo: levanta => levantamento).

Os sufixos são divididos em nominais e verbais. O -vel está entre os nominais que formam adjetivos, podendo ser mudado em -bil (forma subjacente) ao se juntar com -íssimo (por exemplo: amável – amabilíssimo, sensível – sensibilíssimo, móvel – mobilíssimo, volúvel – volubilíssimo).

Reconhece-se em Luft (1985) um tratamento diferenciado dado à Morfologia, sobretudo, quando ele inicia o tema dividindo-a em gramatical e lexical; sendo que a primeira estuda a “classificação das palavras, categorias gramaticais (gênero, número, grau, pessoa, modo, tempo, aspecto), paradigmas flexionais, etc. [...] a morfologia lexical, ou morfologia em sentido amplo [...] é a que trata de problemas como origem, formação e estrutura das palavras, famílias de palavras, etc.” (LUFT, 1985, p. 89).

3 | A TEORIA DE STEPHEN ANDERSON (1992) SOBRE AS REGRAS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS E SUA APLICAÇÃO AO SUFIXO – ABLE DO INGLÊS

Anderson (1992) considera a morfologia flexional de grande relevância para a sintaxe, mas sem ser dependente dela. Objetivando exemplificar as características formais das regras de formação dos adjetivos em –able na língua inglesa, Anderson postula a principal regra :

WFR: [X] v – > [X able] adj

Condição: [X] v é transitivo (i.e., [+ _ N])

Sintaxe: Argumento ‘objeto’ de [X] v corresponde a ‘sujeito’ de [X able] adj

Semântica ‘verbo’ – > ‘capaz de ser verbado’

Tomando como referência a regra proposta acima sobre a formação dos adjetivos na língua inglesa em –able, Anderson avalia as diversas maneiras que não justificam corretamente ou plenamente a aplicação da postulação em (2); isto com palavras terminadas em –able na língua inglesa. Assim, ele ressalta que essas dificuldades ou problemas encontrados para a efetivação da postulação (2), não passam de formas as quais se tem para descobrir as minúcias dos mecanismos de criação lexical no âmbito da morfologia derivacional.

Propondo averiguar melhor essas circunstâncias, Anderson esboça um estudo desses adjetivos, com referência às bases com as quais se juntam ao sufixo – able para formar adjetivos na língua inglesa, classificando-as como: bases truncadas, bases supletivas, bases inexistentes, bases sintaticamente inapropriadas, bases categoricamente impróprias, múltiplas produções (outputs) a partir da mesma base, formas opacas.

4 | A FORMAÇÃO DE ADJETIVOS EM –VEL

Como toda palavra da língua portuguesa, que ao ser criada, passa por um processo de formação, os adjetivos em –*vel* não fogem à regra. A literatura, neste aspecto, é unânime: os adjetivos são formados por derivação sufixal. O sufixo –*vel* ao se juntar com uma base expressa possibilidade de ação ora em sentido ativo, ora, e mais frequente em sentido passivo.

4.1 Análises de adjetivos em –vel

A postulação de Anderson é iniciada apresentando um primeiro caso, que se pode denominar de regra geral de formação dos adjetivos em –*vel*. Esta regra derivacional abrange todos os adjetivos sufixados em –*vel* na língua portuguesa, cujas bases sejam verbos transitivos diretos, conforme a formulação abaixo:

(A) RFP: [X] v – > [X vel] adj

Condição: [X] v é transitivo (i.e., [+ _ N])

Sintaxe: Argumento ‘objeto’ de [X] v corresponde a ‘sujeito’ de [X vel] adj

Semântica ‘verbo’ – > ‘capaz de ser verbado’.

Para que fosse aplicada essa regra na formação dos adjetivos em –*vel*, foi preciso, em primeiro lugar, que se fizesse a determinação das bases que formam os adjetivos objeto deste estudo. Então, para isto foram usados dois critérios: o primeiro – levantamento dos temas presentes nos adjetivos (radical+vogal temática). O segundo critério – a elaboração das paráfrases para cada adjetivo em –*vel* está implícito na regra (A), quando a regra diz que na sintaxe, o argumento, ou seja, o complemento do verbo deve corresponder ao sujeito do adjetivo em –*vel* e na semântica do verbo está a possibilidade de ele ser apassivado – está se falando de paráfrase, visto que o mesmo conteúdo semântico está apresentado sob formas estruturais diferentes. Ou melhor, a paráfrase produz diferentes formulações do que é dito de forma estabilizada, sedimentada e previsível. Neste caso, o mecanismo regular de formação de adjetivos em –*vel* obedece aos parâmetros da regra (A) RFP: [X] v transitivo – > [X+ vel] adj. Para se justificar essa aplicação, seguem exemplos:

- **Caso encontrado no CHPTB**

admirável/adj-g

```
1510_p_001_pos.txt.cs:147:certo/ADJ que/C me/CL pesa/VB-P de/P vos/CL yrdes/  
VB-SR tão/ADV-R cedo/ADV ./, mas/CONJ ja/ADV que/C he/SR-P forçado/VB-AN  
ser/SR assi/ADV ./, ydeus/VB-I+CL muyto/Q embora/ADV ./, &/CONJ seja/SR-SP  
em/P tão/ADV-R boa/ADJ-F hora/N a/D-F vossa/PRO$-F tornada/VB-AN-F à/P+D-F  
India/NPR ./, que/C quando/CONJS là/ADV chegardes/VB-SR vos/CL recebem/VB-  
SP os/D-P vossos/PRO$-P como/CONJS o/D antigo/ADJ Salamão/NPR recebo/  
VB-D a/P nossa/PRO$-F Raynha/NPR Sabaa/NPR na/P +D-F casa/N admirável/  
ADJ-G de/P sua/PRO$-F grandeza/N ./ P-001,22.67/ID ./PONFP
```

Condição: o verbo é TD+N - > admirar a casa

Sintaxe: o objeto do verbo: casa corresponde ao sujeito do adjetivo:

casa admirável . Semântica: o verbo admirar pode ser apassivado

Paráfrase: digna de ser admirada

- **Caso encontrado no CAPTWWW - Sequestráveis convivem 24h por dia com seguranças (PAULO SAMPAIO DE OLIVEIRA da Revista da Folha**

Condição: o verbo é TD+N - > sequestrar rico

Sintaxe: o objeto do verbo: rico, corresponde ao sujeito do adjetivo:

Rico sequestrável. Semântica: o verbo **sequestrar** pode ser apassivado

Paráfrase do adjetivo: suscetível de ser sequestrado

Mas, na língua portuguesa, assim como mostrado por Anderson na Língua Inglesa, também, existem muitos outros adjetivos em *-vel*, formados com bases categoriais diferentes, que para a análise da formação dos referidos adjetivos, o que está esquematizado na regra (A) não é suficientemente capaz de explicitar como ocorre a correspondência entre uma base e o sufixo; disso surge a possibilidade de se evidenciar regras diferentes que são plenamente justificáveis no processo de formação dos adjetivos em *-vel* na língua portuguesa, pois ao se identificar a categoria das bases através de suas representações fonológicas, sintáticas e semânticas quando se adjungem ao sufixo *-vel*, pode-se ver os impedimentos de não se poder aplicar a regra (A) em todos os adjetivos em *-vel* da língua portuguesa.

Sendo assim, é o que se passa a pontuar diante dos diversos tipos de bases que estiveram presentes nos adjetivos em *-vel*, em séculos passados e que, continuam a existir na língua portuguesa; as considerações, que aqui forem tecidas, estarão vinculadas, analogicamente, ao estudo dos adjetivos em *-abel* da Língua Inglesa preconizado por Anderson (1992), como segue:

a) bases truncadas:

À luz da Teoria de Anderson, a base truncada existe por haver alteração estrutural quando se junta com o sufixo. Seguindo suas postulações as bases truncadas que se apresentam nos adjetivos em *-vel*, podem ser explicadas através da seguinte regra:

(B): [X (morfema suprimido)]v – > [Xvel)] adj

Depreendendo-se a composição dessa regra tem-se: X – é uma base verbal; o morfema suprimido está na base (radical) de um verbo e o produto é um adjetivo em *-vel*, a supressão do morfema ocorre por possíveis adaptações fonológicas. Partindo desta formulação, encontrou-se, no CHPTB, os seguintes adjetivos móveis, móvel:

movíveis/adj-g-p

1579_I_001_pos.txt.cs:3579:e/CONJ ./, assim/ADV ./, hão-de/HV-P+P ser/SR claros/ADJ-P ./, alegres/ADJ-G-P e/CONJ **movíveis**/ADJ-G-P ;/. L-001,0.1787/ID ./PONFP

- que podem ser movidos

Regra (B): [X (morfema suprimido)]v – > [Xvel)] adj

MOVER+VEL > MOV(E)VEL > MOVÍVEL

[MO(VI)VEL] > MOVEL > MÓVEIS

b) bases supletivas

Antes de se analisar a presença dessa base no corpus, é oportuno ressaltar que supleção “é um termo usado na morfologia para indicar os casos em que não é possível mostrar uma relação entre morfemas através de uma regra geral, porque as formas envolvidas têm raízes diferentes. Supletiva é a forma com raiz diferente que completa um paradigma” (CRYSTAL, 1998, p. 248-249). Já por alomorfia pode-se dizer que consiste no processo de alternância, ou seja, há um paradigma, mas as formas que dele advêm ou se relacionam demonstram variação, mudança, isto pode ocorrer, às vezes, com morfema, com fonema ou mesmo com afixos. Como Anderson (1992) leciona, uma alomorfia pode ser descrita de várias maneiras podendo ir de um pequeno reajuste fonológico até uma supressão lexical.

Há que se dizer que a base truncada sofre um corte no morfema, portanto, é diferente da base supletiva que pode passar pela regra ou princípio da alomorfia.

Passa-se, então, às análises dos exemplos:

comestíveis/adj-g-p

```
1714_c_004_pos.txt.cs:1667:Tem/TR-P também/ADV coisas/N-P excelentes/ADJ-G-P ,/, como/CONJS ser/SR rica/ADJ-F ,/, abundantíssima/ADJ-S-F de/P tudo/Q ,/, especialmente/ADV de/P comestíveis/ADJ-G-P ,/, estar/ET iluminada/VB-AN-F de/P noite/N ,/, como/CONJS lá/ADV se/SE imagina/VB-P ,/, mas/CONJ ao/P+D menos/ADV-R de/P sorte/N que/C não/NEG se/SE pode/VB-P ter/TR medo/N de/P tropeçar/VB em/P nada/Q-NEG ,/, ou/CONJ cair/VB em/P algum/Q canal/N ./. C-004,99.813/ID ./PONFP
```

- que deve ser comido

O adjetivo comestíveis tem sua base COMEST. Todavia, através de sua paráfrase: que deve ser comido, vê-se que a forma é diferente do verbo que traz o seu significado, no caso, o verbo COMER, cuja base é COM, logo comestíveis (singular comestível) é uma forma idiossincrática.

Seguindo a regra de formação de palavras (A), que, neste estudo, considera-se como um processo regular de formação de adjetivos em – *vel*, o produto a partir da base do verbo comer é comível, conforme o exemplo:

TV Canal 13 Museu oferece inseto comível no cardápio

O que se passa com essas criaturas? No novo Audubon Insectarium, orçado em US\$ 25 milhões e inaugurado aqui em junho, você pode observar cupins de Formosa atacando uma reprodução de madeira da paisagem de Nova Orleans (como se a cidade não tivesse problemas o suficiente), pode enfiar sua cabeça em uma cúpula transparente dentro de um armário de cozinha cheio de baratas gigantes ou observar besouros de estrume se deliciarem com um monte de dejetos. Depois, você pode participar da mais brilhante atividade interativa do museu, entrando na fila de visitantes ansiosos e prontos para mastigar um punhado de grilos fritos crocantes. [...] - **que pode ser comido**

c) bases inexistentes

Neste tipo de base, presentes em muitos adjetivos em – *vel*, a RFP demonstra apenas a relação entre a base e os outros itens lexicais da língua, sem, contudo,

categorizá-la, pois a mesma não se identifica com nenhum verbo do acervo lexical existente. Exemplo:

formidável/adj-g

1608_v_004_pos.txt.cs:1073:E/CONJ esta/D-F é/SR-P outra/OUTRO-F segunda/ADJ-F ./, e/CONJ mui/Q consideravel/ADJ-G circunstancia/N ./, em/P que/WPRO o/D Juiso/NPR particular/ADJ-G agora/ADV é/SR-P mais/ADV-R horrendo/ADJ e/CONJ **formidavel**/ADJ-G para/P cada/Q-G um/D-UM ./, do/P+D que/WPRO será/SR-R então/ADV para/P todos/Q-P o/D Juiso/NPR universal/ADJ-G ./ V-004,85.531/ID ./PONFP

- descomunal

d) bases sintaticamente inapropriadas

São bases não tão comuns para darem origem a adjetivos em – *vel*, porém, quando assim o fazem trazem consigo o mesmo sentido expresso pelo sufixo. Por exemplo: durável capaz de durar; aborrecível capaz de aborrecer. Essas bases são consideradas impróprias no aspecto sintático porque contrariam a formulação da regra (A), quando pede que o verbo seja transitivo direto e, diz que o argumento – objeto do verbo correspondente ao sujeito do adjetivo em – *vel*, assim o objeto é o tema do verbo transitivo; assim esses adjetivos não vêm com bases cujas valências sejam transitivas, mas sim intransitivas, nesses casos têm os sujeitos dos verbos como tema ou seja, o tema argumento de [x]v é o tema argumento do adjetivo em – *vel*.

Diante disto, seguem-se exemplos de adjetivos, em que se aplicam

(C) RFP: SN [v_ SN} – > SN [v_] proposta por Anderson:

Do CHPTB adjetivo com base intransitiva dentro dos contexto inserido:

agradável/adj-g

1510_p_001_pos.txt.cs:137:a/D-F vinda/N de/P vos/PRO outros/OUTRO-P ./, verdadeyros/ADJ-P Christaões/NPR-P ./, he/SR-P ante/P mym/PRO agora/ADV taõ/ADV-R **agradável**/ADJ-G ./, &/CONJ foy/SR-D sempre/ADV tão/ADV-R desejada/VB-AN-F ./, &/CONJ o/CL he/SR-P todas/Q-F-P as/D-F-P horas/N-P destes/P+D-P meus/PRO\$-P olhos/N-P que/C tenho/TR-P no/P+D rosto/N ./, como/CONJS o/D fresco/ADJ jardim/N deseja/VB-P o/D borrifo/N da/P+D-F noite/N ./, venhais/VB-SP embora/ADV ./, venhais/VB-SP embora/ADV ./, &/CONJ seja/SR-SP em/P tão/ADV-R boa/ADJ-F hora/N a/D-F vossa/PRO\$-F entrada/N nesta/P+D-F minha/PRO\$-F casa/N ./, como/CONJS a/D-F da/P+D-F Raynha/NPR Ilena/NPR na/P+D-F terra/N santa/ADJ-F de/P Ierusalem/NPR ./ P-001,22.62/ID ./PONFP

-que agrada

Sintaxe: Tema do verbo agradecer: a vinda de vos outros

Tema do adjetivo agradável: a vinda de vós outros

Do CAPTWWW adjetivo com base intransitiva contextualizado:

Cobertura About Us 2008 06.10.2008 às 7:45

ESCOTEIROS SUPERSTARS *Ben Harper e Dave Mathews Band* estrelam festival de música empenhado em aliar sucesso comercial com temas ambientais, como a devastação ecológica Por Eduardo Carli

[...]“Nós, as civilizações, sabemos que somos mortais”, dizia o poeta Paul Valéry. Hoje podemos ir um passo além e dizer: também os planetas não escapam à lei da mortalidade. E neste século que entra, os esforços pela tentativa de manter viva esta

nossa **morrível** Terra - que, segundo alguns, já está agonizante - vão se tornar cada vez mais constantes. [...]

- **que morre** .Sintaxe: Tema do verbo morrer: Terra (o sujeito)

Tema do adjetivo **morrível**: Terra

e) bases categoricamente impróprias

Estão presentes nos adjetivos em – vel, cujas bases são categorizadas como substantivos. A RFP é de Aronoff (1976) adotada por Anderson (1982): (D) RFP: [n X] – > adj [n X] + – vel

Exemplo contextualizado :

DO CAPTWW adjetivo com base nominal:

12/10/2008 - 11h10 TSE mantém registro de prefeiturável João Castelo em São Luís da Folha Online

O TSE (Tribunal Superior Eleitoral) decidiu neste sábado manter o registro do candidato João Castelo (PSDB), que disputará o segundo turno das eleições à Prefeitura de São Luís (MA). Castelo vai disputar o pleito com Flávio Dino (PC do B). [...]

-que é passível de ocupar a prefeitura

RFP: [n X] – > adj [n X] + – vel

[prefeitura] – > adj [prefeitura] + vel – > prefeiturável

Neste exemplo, há um fato curioso, quando se retoma o que Anderson afirma em relação à base se expressando assim: “a base é aparentemente um substantivo e não um verbo” (Anderson, 1992, p.191). Se é aparentemente, o analista da aplicação da regra pode ficar com dúvidas, se a base do adjetivo é o substantivo prefeitura ou o verbo prefeitar, optou-se pelo primeiro, por não existir na língua portuguesa o verbo prefeitar.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Comprova-se que através dos exemplos, os mecanismos de criação lexical existentes numa língua são processos dinâmicos, construtivos, que não ficam no campo hipotético, mas se deslindam na criação da linguagem a cada nascer de um novo item lexical. Esses mecanismos nada mais são do que as regras de formação de palavras e, como são lecionadas por Anderson, têm suas funções realizadas quando criam novos radicais, partindo do que já existe na língua e também quando fornecem uma análise para essas mesmas formas da língua. O que se deduz disso é que as referidas regras ao serem ligadas à criatividade linguística estão também ligadas à competência do falante/ouvinte.

O estudo das regras de formação de palavras é de certo modo complexo, pois envolve aspectos semântico, sintático e morfo-fonológico das palavras. Anderson (1992) chega a afirmar que as RFPs são mapeamentos entre os itens lexicais de uma classe e de outra da língua; assim, o resultado do fenômeno linguístico operado pelas

regras de formação de palavras aponta para a análise das estruturas dos novos itens lexicais.

As regras delimitam classes, associam formas, porque se entende que a língua é dinâmica, que acompanha os membros de uma determinada comunidade nos seus aspectos sociais, políticos econômicos ou em quaisquer outros que sejam inerentes ao processo comunicativo em suas vidas.

Desta forma, haverá sempre um adjetivo novo em *-vel*, desde que atenda às necessidades do falante, embora ele não fique necessariamente dicionarizado.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Leonel Figueiredo de. **Notas sobre o uso do Unix na lingüística de corpus**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008. Manuscrito.

ANDERSON, Stephen R. **A morphus morphology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.

BASÍLIO, Margarida. **Estruturas lexicais do Português: uma abordagem gerativa**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.

BECHARA, Evanildo. Imexível: uma injustiça a ser reparada. In: ELIA, Sílvio. **Na ponta da língua**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000a.

_____. Imexível não exige imexer. In: ELIA, Sílvio. **Na ponta da língua**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000b. p.108-109.

_____. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional. 1983.

BERNARDES, Adriana. **Entrevista com reitorável**. **Correio Brasiliense**, 2008. Disponível em: <<http://www.cristovam.com.br>>. Acesso em: 28 nov. 2008.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Org.). **Readings in English transformational grammar**. Waltham: Braisdell, 1970.

FERREIRA, Aurélio B. H. **Novo dicionário eletrônico Aurélio: Século XXI – versão 3.0**. São Paulo: Nova Fronteira, 2008.

GALVES, Charlotte. **Projeto Tycho Brahe: Corpus Histórico do Português com anotação morfológica**. Disponível em: <<http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/index.html>>. Acesso em: 25 maio 2007.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro S. **Dicionário Houaiss do dicionário portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 1 CD-Rom.

LUFT, Celso Pedro et al. **Novo manual de português: gramática, ortografia oficial, redação, literatura, textos e testes**. 5. ed. Rio de Janeiro: Globo. 1989. p. 93-95.

LULA nega asilo a opositor boliviano; governo petista recebe é narcoterrorista. **Videversus**, Porto Alegre, 3 jul. 2009. Disponível em: <<http://www.videversus.com.br/index.asp?SECAO=72&SUBSECAO=0&EDITORIA=9366>>. Acesso em: 3 jul. 2009.

MINISTERIÁVEL, Lobão se reúne hoje com presidente Lula. **Folha Online – Brasil**, 16 jan. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u364067.shtml>>. Acesso em: 3 jul. 2009.

PARA reitorável da USP: “ensino deve atingir público maior”. **Folha Online**, nov. 2001. Educação. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u6786.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2008.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do Português**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

TSE mantém registro de prefeiturável João Castelo em São Luís. **Folha Online**, out. 2008. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u455240.shtml>>. Acesso em: 28 nov. 2008

SOBRE O ORGANIZADOR

Ivan Vale de Sousa - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

B

Bilinguismo 14, 15, 20

C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

